

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UNIEVANGÉLICA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**ALESSIA NASCIMENTO**

**EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS DE FUTURO PARA OS**  
**JOVENS BRASILEIROS**

**ANÁPOLIS**

**2021**

**ALESSIA NASCIMENTO**

**EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS DE FUTURO PARA OS  
JOVENS BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado  
ao Centro Universitário de Anápolis –  
Unievangélica como requisito parcial à  
obtenção do título de graduação em  
Psicologia.

**Orientador (a): Prof. Dra. Margareth  
Regina Gomes Veríssimo de Faria**

**ANÁPOLIS**

**2021**

## **Resumo**

O presente estudo aborda a temática expectativas e perspectivas de futuro para os jovens brasileiros sob a perspectiva de diferentes relatos da literatura, tratando-se de uma revisão sistemática. Apresenta como objetivos investigar possíveis impactos psicológicos e sociais causados por tais perspectivas e expectativas, incluindo mercado de trabalho, e ensino superior e suas diferenças entre as classes sociais. Após uma análise das obras apresentadas e organizadas sistematicamente, foi possível identificar fatores próprios da vida do jovem que possam influenciar em suas decisões, e o sofrimento psíquico vivido nessa etapa da vida como um adoecimento permeado por questões sócio-econômicas tais como o ingresso precoce no mercado de trabalho, as relações interpessoais e a dependência financeira para manutenção da vida adulta.

**Palavras-chave:** saúde mental, jovem trabalhador

## **EXPECTATIVAS E PERSPECTIVAS DE FUTURO PARA OS JOVENS BRASILEIROS**

Existem marcos histórico-culturais que permeiam a juventude, de forma que as vivências dessa etapa da vida não ocorram da mesma maneira para todos os indivíduos. Diante disso, há aqueles que experimentam um sofrimento psíquico muito cedo, tal estado poderia vir em decorrência de fatores socioambientais, de gênero, de etnia, familiares e até mesmo etários o que pode levar a uma ruptura nessa fase do desenvolvimento, essa crise propriamente dita pode influenciar as perspectivas dos jovens de diferentes maneiras (Milhomen & Martin, 2017).

No que se refere às experiências dos jovens brasileiros, existe hoje uma realidade para uma grande parcela da população, conhecida como normalização do trabalho na adolescência, institucionalizadas por uma cultura valorizadora do trabalho precoce (Frenzel & Bardagi, 2014) que implica diretamente no rendimento escolar desses indivíduos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2021), no ano de 2019 aproximadamente de 25% dos jovens compreendidos entre 15 e 29 anos, estava não haviam frequentado nenhum tipo de escola até o momento, e desse percentual, mais de 80% estava sem ocupação, posteriormente, as estatísticas apontaram que à medida que o nível de escolaridade cresce, o percentual de desempregados diminui, evidenciando questões relacionadas às classes sociais.

No atual panorama brasileiro, surge ainda a informalização do trabalho, como alternativa para muitos jovens. Para alguns, tido como retorno emocional garantido ou sinônimo de empreendedorismo, enquanto que para outros continua sendo uma forma precária de vender sua mão de obra, contudo, menos desgastante em relação à uma jornada completa de trabalho. Mesmo permeado pela precariedade, esse tipo de trabalho tem sido visto como incentivador para a continuação do processo estudantil, permitindo ao jovem seguir seus estudos, pois nessa situação, ele buscaria um emprego que se adequasse à sua rotina e não o contrário (Souza & Lussi, 2019).

Também existem diretrizes que enxergam o processo de trabalhar com método de sobrevivência, nesse aspecto, incluindo termos como trabalho infantil ou precoce (Silveira, 2014), abrangendo atividades lucrativas antes dos dezoito anos de idade. Tais

atividades poderiam expor jovens adolescentes a situações prejudiciais à saúde física e mental, assim como comprometer as expectativas de futuro através de uma visão negativa do mercado de trabalho.

Para além do trabalho, existem outras atividades pertinentes às rotinas dos jovens, tais como lazeres diversos, convívio familiar e círculo de amizades, que são constituintes de sua identidade, propícios a influir sobre a visão de futuro que teriam (Frenzel & Bardagi, 2014), dessa forma, o planejamento de uma carreira, se daria em parte à qualidade das relações afetivas, incluindo os estímulos parentais e a quantidade de apoio recebido no processo de tomada de decisão (Faria, 2013). A indecisão vocacional seria também uma manifestação das perspectivas do jovem, por englobar a tanto o desejo da realização de um sonho quanto a realidade da necessidade financeira, podendo causar um possível adoecimento psíquico devido ao estresse originado pelas frustrações e demandas excessivas de uma certeza sobre o amanhã (Faria, 2013).

A sugestibilidade do jovem poderia evidenciar situações estressoras em ambientes diversos, desde litígios com familiares até situações de vulnerabilidade no trabalho, através da exploração de sua mão de obra, como no caso de alguns estágios que exigem o cumprimento de tarefas além de suas capacidades (Turte-cavadinha et. al, 2014), proporcionando um desconforto psicológico e posteriormente originando um transtorno psiquiátrico propriamente dito.

Diante do exposto, este estudo tem como objetivos se investigar possíveis impactos psicológicos e sociais causados pelas perspectivas e expectativas dos jovens brasileiros acerca do futuro, mercado de trabalho e ensino superior.

### **Juventude Brasileira**

O termo juventude dentro do campo científico da psicologia consolida-se num sentido amplo, que não se limita a faixa etária ou condição cronológica, mas sim a um processo de construção cultural e histórica originada pela não homogeneização e vivências singulares de uma parcela da população, já no viés das políticas públicas, este termo é sinônimo de adolescência, uma representação do público infanto-juvenil (Milhomen & Martin, 2017), por esta razão, no presente a configuração da juventude será explorada em seus diferentes sentidos.

À maneira como crescem, os jovens têm de enfrentar o desenvolvimento vocacional, um processo que se inicia na infância e se estende ao longo da vida adulta, fazendo parte da construção da identidade desses indivíduos. A necessidade da tomada de decisões segue influenciada por inúmeras instituições na qual estão inseridos, onde a família poderia ser considerada a primeira e mais significativa, seguida por outros vínculos socioafetivos e aquisição de uma perspectiva temporal (Costa, 2013). Já no que se diz respeito ao amadurecimento precoce, muito se diz acerca do trabalho infantil, por substituir as etapas essenciais desse período conhecidas pela ludicidade, perturbando as formas de afetividade levando a complicações na vida adulta (Silveira, 2014).

O trabalho infanto-juvenil não deveria restringir-se apenas aos denominadores educativos, seus efeitos no âmbito da saúde mental aparecem como bloqueadores de perspectivas positivas, e mais do que isso, retiram a energia física do trabalhador através das exaustivas jornadas laborais, que poderiam acarretar posteriormente adoecimentos psiquiátricos (Galiano, Vetorassi & Navarro, 2012). A fragilidade do adolescente reflete em sua postura no ambiente laboral, sendo mais suscetível a situações de risco comparado à um adulto, nesse viés entram as questões de violência psicológica, incluindo humilhações, abuso de poder, assédios sexuais e morais, além da própria exploração da mão de obra por um salário relativamente inferior (Turte-cavadinha et. al., 2014).

Outro panorama brasileiro muito conhecido é a utilização da mão de obra infanto-juvenil para complementação da renda familiar, e dentro das diversas formas de ocupação, existem aquelas cuja a precariedade do serviço implica diretamente na saúde do trabalhador, como é o caso dos trabalhos em áreas rurais, onde além do esforço braçal, os jovens têm de lidar com o isolamento, a distância familiar, a doença física, a falta de moradia e de estabilidade financeira. Neste tipo de ambiente os prejuízos são nítidos, e o jovem torna-se sem esperança, sem expectativas de um futuro melhor ou sequer imaginam a possibilidade de continuar seus estudos (Galiano, Vetorassi & Navarro, 2012).

### **Carreira & Estudos**

O ensino superior para o jovem brasileiro, seria uma estrada possível apenas para aqueles cujas as condições sociais são mais elevadas, contudo, existe a possibilidade de construir uma carreira conciliando os estudos, com o crescimento do trabalho informal na contemporaneidade (Souza & Lussi, 2019). Esse tipo de serviço, ainda que não ofereça

os mesmos benefícios que um emprego fixo, permite a facilidade na divisão da rotina do jovem, determinando com mais facilidade o tempo que poderá dedicar-se aos estudos. Alguns ainda em época escolar, procuram trabalhos informais por serem mais permissivos quanto a horários e faixa etária, ainda que a remuneração salarial seja inferior, é uma forma de suprir as necessidades econômicas do sujeito sem interferir de fato no seu futuro (Souza & Lussi, 2019).

Embora apresente-se como solução econômica e fortemente representado pelos discursos de empreendedorismo, o trabalho informal também tem seu lado negativo, justamente pela falha na definição de vínculo empregatício, e a insegurança de não ter seus serviços contratados novamente, essa dualidade poderia ser frustrante para alguns jovens que trocam sua mão de obra por necessidade (Souza & Lussi, 2019).

Um outro tópico que surge quando é mencionado um projeto de vida, é a influência dos pais sobre essa decisão, de acordo com os estudos de Faria (2013), existe ainda a situação de emprego e desemprego como ação sugestiva sobre a decisão vocacional dos filhos. Jovens filhos de pais desempregados, teriam uma certa tendência a serem pessimistas quanto ao próprio futuro, não fazendo planos a longo prazo, nem tão pouco investindo em cursos profissionalizantes ou superiores. Quando a família tem uma forte representação econômica, os jovens buscam seguir os passos dos pais, embora nesse quadro haja uma exploração vocacional que consiste na aceleração do processo de escolha e construção de carreira na vida do jovem, podendo tornar-se inclusive algo traumático (Faria, 2013).

Existem diferentes estradas e estratégias percorridas pelo jovem quando está planejando o próprio futuro, especialmente no que se refere ao ingresso no mercado de trabalho, motivo inclusive que leva muitos brasileiros a participarem de políticas públicas que incentivam o trabalho em idade escolar (Frenzel & Bardagi, 2014). Como dito anteriormente, ainda que possa trazer diversos prejuízos, essa opção torna-se uma solução para combater outros problemas pertinentes a vida do jovem, como o abandono da escola, a busca pelo álcool e substâncias ilícitas e outros passatempos privados prejudiciais à saúde, expandindo também a visão do indivíduo, que tem a oportunidade de se inserir em um novo meio social, de investir em suas competências e pessoais e criar habilidades necessárias para seus empregos futuros (Frenzel & Bardagi, 2014).

## **Saúde Mental**

O estilo de vida do jovem brasileiro não consiste apenas em sua relação ou não com o trabalho, é permeado por atividades sociais e familiares de grande valor no seu cotidiano, e nesse período de amadurecimento o impacto das relações interpessoais pode desencadear um sofrimento psíquico significativo e até mesmo alguns transtornos psiquiátricos (Milhomens & Martin, 2017).

Uma das características marcantes do sofrimento vivido pelo jovem é o isolamento social, postergado pelos comportamentos hostis e evitativos, tais mudanças seriam primeiramente observadas no ambiente familiar, porém, a ideia de doença sofre preconceitos ainda na atualidade, fazendo com que a qualidade do apoio recebido pelo jovem seja inferior ou caia no senso comum, podendo até resultar na busca excessiva por álcool ou outras drogas (Milhomens & Martin, 2017).

Além da influência dos relacionamentos pessoais, os jovens têm de enfrentar diariamente o ambiente no qual estão inseridos, e isso inclui o mercado de trabalho. A inserção precoce do jovem no ambiente laboral interfere diretamente no seu desenvolvimento (Dias, 2014) motivando ou não os pensamentos em relação ao futuro. Na literatura, apresenta-se uma barreira imposta sobre o jovem trabalhador que retira diversas oportunidades em sua trajetória, através do próprio trabalho. Contudo, o trabalho é necessário para manutenção da vida adulta e também promove a integração social.

Dias (2014) mostra que os jovens se dividem em dois grupos, aqueles com a oportunidade de preparar-se especificamente a um determinado emprego no futuro e aqueles cuja a etapa mais intensa de sua vida é interrompida pelas obrigações e responsabilidades da vida adulta precocemente assumidas. Esse marco é subjetivamente representado com mais força pelas camadas mais vulneráveis da população, que muito conhecem sobre o sofrimento ético e político, recebendo diariamente doses de humilhação, frustração e desgaste físico. Nesse contexto, o trabalho se apresenta como uma força perversa sobre suas vidas, desencadeando crises e patologias em decorrência do sofrimento psíquico.

A vulnerabilidade do jovem no ambiente de trabalho foi citada anteriormente por questões inerentes a subjetividade do indivíduo e suas inseguranças em relação ao ambiente, como também fatores próprios dessa fase do desenvolvimento humano, no entanto, as mulheres aparentam ser o gênero mais atacado socialmente como mostram os



autores Turte-cavadinha et. al (2014) no que se refere ao assédio sexual e a banalização dessa forma de violência, elevando o estresse e o medo das jovens trabalhadoras dificultando a idealização de um projeto de vida.

A violência psicológica é responsável por minimizar a autonomia do sujeito, criando uma visão aterrorizante sobre o mercado de trabalho (Turte-cavadinha et. al, 2014), colocando em risco a saúde mental, aumentando o risco de patologias relacionadas ao trabalho, como a síndrome de Burnout, configurado como exaustão emocional em detrimento da insatisfação no trabalho (Souza, Helal & Paiva, 2017). Diante da sobrecarga, surge uma estratégia para enfrentamento da doença através da negação do sofrimento, como forma de conseguir manejar as dificuldades diárias diminuindo a importância dada a cada situação frustrante (Masumoto & Faiman, 2014).

## **Procedimentos Metodológicos**

Para alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma busca nas bases de dados nacionais BVS e o Portal CAPES, os descritores utilizados foram: “saúde mental” e “jovens trabalhadoras”. Os critérios de inclusão foram: artigos publicados nos últimos dez anos, revisados por pares, texto completo em língua portuguesa, estudos empíricos e teóricos envolvendo a população jovem brasileira e que fossem pertinentes à temática desta pesquisa.

Trata-se de uma revisão sistemática a respeito das perspectivas e expectativas dos jovens diante do mercado de trabalho e seus possíveis impactos psicológicos. Levantou-se um total de 226 artigos, após um refinamento da busca, apenas 10 artigos foram selecionados para inclusão. A seleção foi feita manualmente, foram excluídos da pesquisa artigos cuja temática não se relacionava aos objetivos propostos por este estudo, este processo é mostrado na Figura 1.

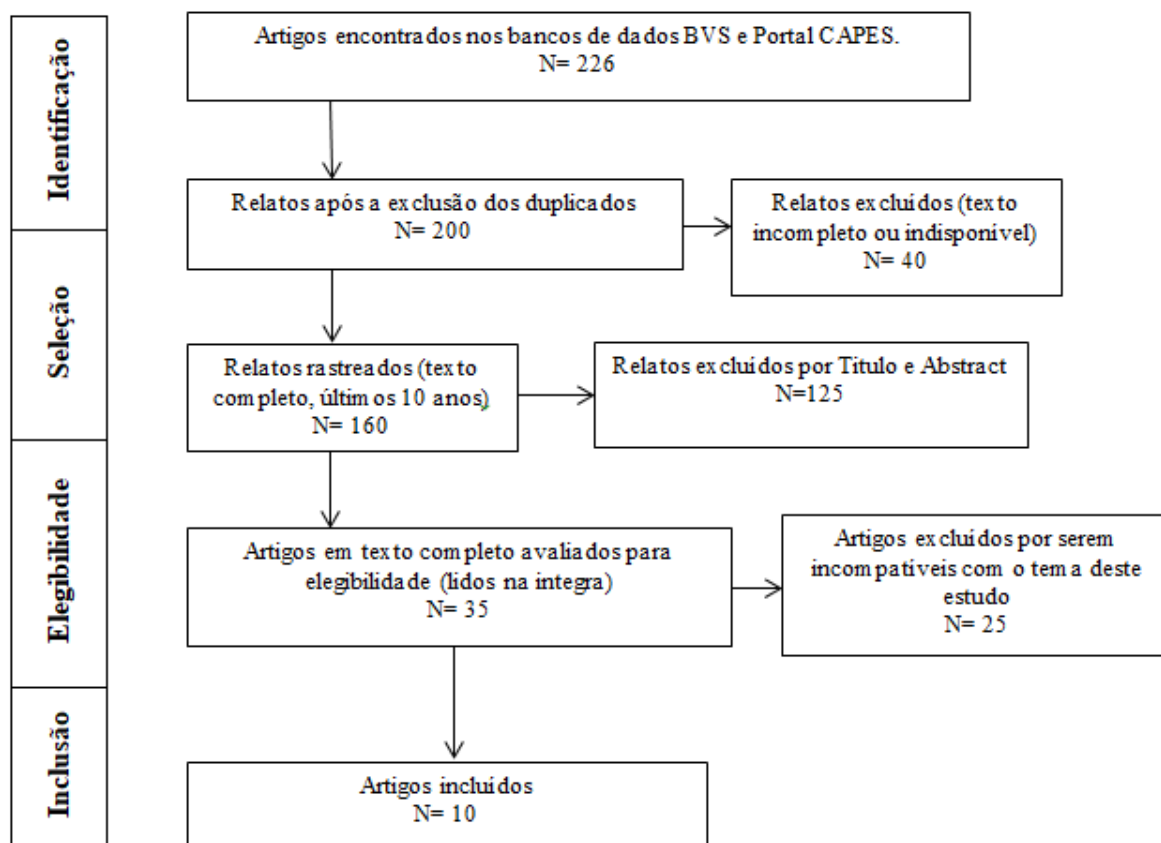


Figura 1

Após a seleção dos artigos, aqueles que cumpriram os critérios de inclusão foram organizados em uma tabela e descritos suas principais características (Tabela 1). Estes artigos serão posteriormente abordados e explorados na discussão.

<b>Autor(es)</b>	<b>Ano</b>	<b>Título do Artigo</b>	<b>Tipo de Estudo</b>
Milhomens, A. E. & Martin, D.	2017	Rupturas e transformações na vida de jovens acompanhados em um CAPS adulto.	Pesquisa de Campo
Galiano, André de M., Vettorassi, A., & Navarro, V. L.	2012	Trabalho, saúde e migração nos canais da região de Ribeirão Preto (SP), Brasil: o que percebem e sentem os jovens trabalhadores?	Pesquisa Qualitativa

Frenzel, H. de S., & Bardagi, M. P.	2014	Adolescentes Trabalhadores Brasileiros: um Breve Estudo Bibliométrico.	Revisão Bibliográfica
Faria, L. C.	2013	Influência da Condição de Emprego/Desemprego dos Pais na Exploração e Indecisão Vocacional dos Adolescentes.	Pesquisa Exploratória
Masumoto, L. K., & Faiman, C. J. S.	2014	Saúde mental e trabalho: um levantamento da literatura nacional nas bases de dados em Psicologia da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS).	Revisão Literária
Dias, M. D. A.	2014	Jovens Trabalhadoras e sofrimento ético-político	Estudo de Caso
Souza, M. B. C. A. de, & Lussi, I. A. de O.	2019	Juventude, trabalho informal e Saúde Mental.	Revisão Literária
Souza, M. B. C. A. de, Helal, D. H., & Paiva, K. C. M.	2017	Burnout e Jovens Trabalhadores.	Pesquisa Exploratória e Descritiva
Silveira, N. J. D.	2014	A produção das desigualdades: análise da relação entre trabalho infantil e indicadores sociais.	Pesquisa Qualitativa
Turte-Cavadinha, S. L., Turte-Cavadinha, E., Luz, A. A., Fischer, F. M.	2014	A violência psicológica no trabalho discutida a partir de vivências de adolescentes trabalhadores.	Revisão Literária

Tabela 1

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Em linhas gerais, planejar o próprio futuro para os jovens brasileiros parece estar intrinsecamente voltado às questões econômicas, diversas vezes citadas como independência financeira e complementação de renda, fazendo com que a busca pelo primeiro emprego, no Brasil, ocorra muitas vezes, no início da adolescência, podendo comprometer o desenvolvimento acadêmico do indivíduo, como apontado pelas autoras Frenzel e Bardagi (2014) em seu estudo, onde argumentam sobre como a entrada mais tardia no mercado de trabalho permite ao indivíduo uma preparação melhor, tanto no quesito habilidades sociais e laborais, quanto ao que diz respeito da continuação do aprendizado em instituições de ensino superior e cursos profissionalizantes.

Dentro desta mesma vertente tem-se a realidade experienciada por muitos jovens, que é a necessidade do trabalho, uma possível estratégia utilizada para sair da extrema pobreza, quando, ainda em idade estudantil, enxergam oportunidades de crescimento profissional dentro do ambiente onde estão empregados, e a percepção de que carreira e estudo caminham lado a lado. Contudo, a dinâmica trabalho-estudo também teria seu impacto negativo na saúde física e mental dos jovens, uma vez que teriam menos horas de sono, lazer e se mostrariam menos dispostos no cotidiano (Frenzel & Bardagi, 2014) corroborando o que é trazido no estudo Jovens Trabalhadoras e sofrimento ético-político (Dias, 2014) onde o trabalho é abordado como indicador de qualidade de vida, e a juventude à uma fase importante do desenvolvimento humano, ligada às concepções de mundo e de si mesmo. Nesse período, a saúde física e mental se desenvolve a partir das relações interpessoais e ampliam para dimensões éticas e afetivas, no ponto de vista psicossocial. Desta forma apontando que o desgaste socioemocional da rotina trabalhar e estudar seja um bloqueador da criatividade do jovem impedindo-o de expandir seus horizontes, já que um projeto de vida demanda certa imaginação da parte do indivíduo (Dias, 2014).

No que se relaciona as percepções dos jovens diferirem entre as camadas sociais, os estudos de Galiano e Navarro (2012) e Silveira (2014) apontam o impacto do trabalho infantil. Existe uma parcela da população brasileira onde o nível de vulnerabilidade social

permite que a alternativa mais viável seja migrar de sua região natal em busca de oportunidades de emprego, que em sua maioria são de extrema precariedade ou em áreas rurais, e adolescentes se veem obrigados a abandonar suas famílias para obter sustento. Essa experiência perpetua o sofrimento psíquico do jovem trabalhador, que não encontra rede de apoio, e vive diariamente sentimentos de abandono, limitando ou excluindo a existência de um projeto de vida (Galiano & Navarro, 2012). Sob essa perspectiva Silveira (2014), aponta o trabalho infantil como indicador social de desemprego econômico, uma vez que de acordo com muitos relatos da literatura, o que leva crianças e adolescentes a ofertarem sua mão de obra no mercado de trabalho, muitas vezes são fatores pertinentes a estrutura familiar, como o desemprego dos pais e salários insuficientes. Todavia, as políticas públicas atuais no Brasil, tem contribuído para diminuição do trabalho infantil, além da melhoria da qualidade de vida população geral, permitindo uma nova perspectiva futura para as camadas mais vulneráveis da sociedade (Silveira, 2014).

Quanto ao que se refere aos eventos psíquicos advindos de planejar o próprio futuro, nenhuma das obras trouxe isso de forma objetiva, contudo foi possível identificar eventos que seriam prejudiciais à saúde mental dos jovens brasileiros no processo de desenvolvimento de carreira, alguns originados dentro do trabalho já exercido, como apontam Souza, Helal e Paiva (2017) ao contextualizarem a fragilidade por trás da busca pelo primeiro emprego, onde em sua maioria, empresas dão preferências a trabalhadores em idade estudantil e essa dualidade contrapõe-se com as expectativas dos jovens, que possuem certas dificuldades em conciliar as duas rotinas. Dessa forma, o desgaste físico, manifestado em fadiga, sonolência, mal-estares diversos, poderia tornar-se um adoecimento psíquico, como o Burnout, uma patologia caracterizada por estresses em decorrência do trabalho.

Esse adoecimento teria relação também com as experiências de assédios, maus tratos e outras violências facilmente experienciadas por jovens no ambiente de trabalho, por sua inocência e até mesmo precariedade do serviço onde se encontram (Souza, Helal & Paiva, 2017), argumento que pode ser relacionado ao estudo de Turte-Cavadinha et. al. (2014) onde a violência psicológica no trabalho discutida a partir de vivências de adolescentes trabalhadores, apontam que no período da adolescência, os estressores ocupacionais empobrecem o desenvolvimento de competências interpessoais, além de formar expectativas negativas a respeito do mercado de trabalho e prováveis empregos futuros.

A frustração dos jovens também decorre da violência psicológica sofrida nessa etapa, citando casos de abuso de poder e humilhações diárias, perpetuando o sofrimento psíquico e as inseguranças dos indivíduos (Turte-Cavadinha et. al., 2014), corroborando o estudo de Masumoto e Faiman (2014) ao demonstrarem como as organizações do trabalho, especialmente as conflituosas são prejudiciais à saúde.

O jovem busca a oportunidade de demonstrar suas habilidades, não encontrando-as, cresce o sentimento de desvalorização, a autoestima diminui e o interesse pelo aprendizado e evolução ficam em segundo plano, nesse cenário, surge o trabalho informal, por alguns encarado como não apenas fonte de renda, mas reconhecimento de seus esforços (Souza & Lussi, 2019), além da possibilidade de inserção social e facilidade para realização de mais tarefas.

Essa forma de emprego, na contemporaneidade, proporcionou a conciliação entre estudos e trabalho, devido a flexibilidade de horários e diminuição do estresse decorrente de jornadas prolongadas, sendo uma opção para os jovens que pretendem desenvolver-se em uma área específica do conhecimento. Contudo, a instabilidade financeira e precariedade desse tipo de serviço, também poderiam ser considerados fatores de risco para a saúde psíquica (Souza & Lussi, 2019).

Por último, estabelece-se que a fase da juventude tem um amplo sentido de acordo com a psicologia, sendo preferível a uma fase do desenvolvimento e não há um período cronológico da idade, e nessa etapa, as emoções e sentimentos têm um maior impacto sobre as decisões a serem tomadas, assim como os vínculos afetivos estabelecidos e as diferentes formas de apego (Milhomens & Martin, 2017). Os projetos de vida não dependem apenas do trabalho em si, embora muitos estudos assim apresentaram. A subjetividade do indivíduo deve ser considerada, o ambiente onde está inserido e todo o conjunto de eventos psicossociais, os valores construídos dentro da família e culturalmente popularizados (Faria, 2013).

Na diferenciação do ambiente, Faria (2013) levanta o questionamento não apenas para o conteúdo econômico, mas explora a relação de emprego e desemprego dos pais sob o planejamento de vida dos filhos. A estimativa segundo seu estudo, seria de que filhos de pais desempregados teriam uma visão mais pessimista em relação ao futuro profissional, comparados à jovens filhos de pais com uma carreira estável ou simplesmente empregados.

Diante disso, pouco se sabe ainda acerca da combinação entre planejar o próprio futuro e possíveis impactos sociais, os temas na maioria dos achados é abordado de formas sucintas, sugerindo o ideal do trabalho como motivação principal para construção de um futuro na vida do jovem brasileiro e o contraste social como opressor de expectativas. Acrescenta-se ainda que não surgiram referenciais acerca de outras expectativas além de trabalho, como relacionamentos, filhos e outras caracterizações da vida adulta. A amplitude do termo juventude também implica nos resultados deste estudo, pelas divergências na nomenclatura e a dificuldade de encontrar artigos referentes ao tema. Acredita-se também que este estudo possibilitará novas compreensões acerca da experiência dos jovens durante o planejamento de carreira, e como a estruturação das camadas sociais é capaz de influenciar seus projetos, auxiliando a desenvolver estratégias para resolução de conflitos e pesquisas sobre a saúde mental da população em geral.

## REFERÊNCIAS

- Dias, M. D. A. (2014). Jovens trabalhadoras e o sofrimento ético-político / Trabajadores jóvenes y el sufrimiento ético-político / Young female workers and the ethical-political suffering. *Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe. 2), 93-102.
- Faria, L. C. (2013). Influência da Condição de Emprego/Desemprego dos Pais na Exploração e Indecisão Vocacional dos Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 772-779.
- Frenzel, H. de S., & Bardagi, M. P. (2014). Adolescentes trabalhadores brasileiros: um breve estudo bibliométrico. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 14(1), 79-88.
- Galiano, André de M., Vettorassi, A., & Navarro, V. L. (2012). Trabalho, saúde e migração nos canaviais da região de Ribeirão Preto (SP), Brasil: o que percebem e sentem os jovens trabalhadores?. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 37(125), 51-64. <https://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572012000100009>
- Galvão, T. F., Pansani, T. S. A., & Harrad, D. (2015). Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(2), 335-342.
- Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística (2021). <https://censo2021.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/29434-oito-em-cada-dez-jovens-que-nunca-frequentaram-escola-estavam-sem-ocupacao-em-2019.html>
- Masumoto, L. K., & Faiman, C. J. S. (2014). Saúde mental e trabalho: um levantamento da literatura nacional nas bases de dados em Psicologia da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). *Saúde, Ética & Justiça (e-ISSN 2317-2770)*, 19(1), 1-11. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v19i1p1-11>

- Milhomens, A. E. & Martin, D. (2017). Rupturas e transformações na vida de jovens acompanhados em um CAPS adulto. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000400013>
- Silveira, N. J. D. (2014) A produção das desigualdades: análise da relação entre trabalho infantil e indicadores sociais / The production of inequalities: analysis of the relationship between child labor and social indicators. Natal; s.n; ago. 2014. 63 p. tab, map, ilus. (BR).
- Souza, M. B. C. A. de, & Lussi, I. A. de O. (2019). Juventude, Trabalho Informal E Saúde Mental. *Revista De Ciências Sociais - Política & Trabalho*, 5901, 126–144. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.0v51n0.48293>
- Souza, M. B. C. A. de, Helal, D. H., & Paiva, K. C. M. de. (2017). Burnout E Jovens Trabalhadores. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 25(4), 751–763. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao0936>
- Turte-Cavadinha, S. L., Turte-Cavadinha, E., Luz, A. A., Fischer, F. M. (2014). A violência psicológica no trabalho discutida a partir de vivências de adolescentes trabalhadores / Workplace psychological violence discussed from teenage workers. *Rev. bras. saúde ocup*;39(130): 210-223, Jul-Dec/2014.